

VIII Simpósio Nacional de História Cultural
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**O COTIDIANO DAS MULHERES NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC
NO RIO DE JANEIRO (1902-1906)**

Mirella Ribeiro Pinto*

Sandra Mara Dantas**

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretendemos analisar e refletir sobre o cotidiano das mulheres, na Primeira República, especificamente, na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, durante o mandato do prefeito Pereira Passos (1902-1906), que foi marcado por diversas reformas urbanas, gerando consequências políticas e sociais.

A partir do referido recorte espaço-temporal, utilizaremos como fonte histórica de análise, crônicas de Olavo Bilac (1865-1918) publicadas e selecionadas a partir dos periódicos 'Gazeta Notícias' e revista 'Kosmos'. As crônicas daquele período tendem a representar o cotidiano, uma vez que tinham naquele momento, a cidade como foco privilegiado, ou seja, estavam intrinsecamente ligadas ao ambiente urbano, possibilitando interpretações sobre os costumes e as mazelas da sociedade brasileira à época.

* Discente do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

** Possui bacharelado, licenciatura e mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia; doutora em História Social pela Unesp/Franca. Atualmente é docente (categoria adjunto, nível III) do departamento de História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Ademais, naquele momento de modernizações da capital carioca, os intelectuais acataram a tarefa de levar a sociedade uma nova forma de convívio urbano, considerada, civilizado e moderno. Sendo assim, partindo do pressuposto que Olavo Bilac, enquanto cronista, e ao mesmo tempo ‘porta-voz’ da modernidade daquele período, revela em suas crônicas a partir de suas experiências: os pensamentos, visões sobre os projetos políticos, e as relações sociais daquele período, servindo-se como observador privilegiado do papel social da mulher naquele momento de modernização das cidades e dos costumes.

AS REFORMAS URBANÍSTICAS DE PEREIRA PASSOS E A CRÔNICA BILACQUIANA

Em 1902, o engenheiro Francisco Pereira Passos assumia a prefeitura do Rio de Janeiro, e logo mais tarde começava a colocar em prática o Plano de Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro, que foi elaborado entre os anos de 1875-1876 pela Comissão de Melhoramentos dirigida pelo próprio Pereira Passos.

Esse Plano preconizava grandes obras urbanas como: a abertura e alargamento de ruas e avenidas, criação de praças e parques, remodelação arquitetônica das edificações, canalização dos rios, obras viárias, e entre outras mudanças. A construção da Avenida Central foi o grande marco da modernização do Rio de Janeiro, principalmente porque a rua estava sendo transformada em locais de convivências e sociabilidades. Lembrando que, anterior as reformas urbanas as ruas eram consideradas apenas como: locais de trabalhos e de circulação.

Sendo assim, concordamos com João Rodrigo Santana¹ de que as reformas radicalizadas pelas mãos do prefeito Pereira Passos, tinham a intenção de tornar o espaço da cidade próprio para ser habitado pela média e alta sociedade do Rio de Janeiro.

A Belle Époque, enfim, chegava aos trópicos, causando diversas reformas urbanísticas e sociais em decorrência da necessidade de modernização. A partir desse “ideal civilizatório” adotado pelo Pereira Passos, podemos notar que havia uma necessidade de modificar os costumes e hábitos urbanos da sociedade carioca, por meio de decretos que proibiam certos hábitos nos espaços urbanos.

¹ Ver em: SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908)**. Salvador, 2013.

Desse modo, as crônicas de Olavo Bilac publicadas neste período, em inúmeros periódicos de renome, serão aqui utilizadas como fonte histórica² de análise do cotidiano, principalmente, das mulheres. Porque consideramos que a crônica, nesse momento de modernização, tinha a cidade e os costumes sociais como foco privilegiado, pois estava intimamente ligada ao cotidiano urbano.

[...] os letrados tinham uma função importante na realidade, porque, criavam, nas crônicas, metáforas, imagens e representações com o intuito de construir noções sobre a capital e imprimir direção a ela, representações que utilizamos como forma de abordar o passado. Os cronistas deixaram marcas de pertencimento a um espaço-tempo particular, mas, em suas crônicas, está igualmente expresso o desejo e as ambições do vir a ser. As crônicas veiculam discursos e imagens que tratam da cidade, o imaginário e as utopias que se projetam sobre o espaço vivido. Ao mesmo tempo em que trazem à tona imagens do seu presente imediato, também interferem (e buscam mesmo interferir) no contexto que as tornou possíveis. (NUNES, 2008, p. 9).

A crônica também era o meio pelo qual os intelectuais da época emitiam suas opiniões a respeito das reformas urbanas e sociais. Dentre esses intelectuais, estava Olavo Bilac, que além de “príncipe dos poetas” foi considerado um “porta-voz” da modernidade.

A crônica de fins do século não somente documentava algo, mas era muitas vezes instrumento crítico da modernização, tentando alertar para alguns de seus perigos, obstar o seu desenvolvimento, ou, pelo contrário, era utilizada para acelerar o processo de mudança, de modo a convencer e mobilizar a opinião pública em favor do moderno. Este último aspecto será característico de Bilac: seus escritos buscavam intervir nessa ordem em mutação, dando direção às mudanças que ocorriam, e assim cumprindo a sua “missão civilizadora”. (SANTANA, 2013, p. 16).

Bilac, defendia as reformas urbanas, e nas suas crônicas podemos observar o quanto exaltava a construção da Avenida Central, além de apontar vários problemas urbanos, como a sujeira, casas mal-arranjadas e a pouca iluminação. O cronista não só denunciava em seus escritos os problemas da cidade, mas também criticava os cidadãos cariocas, que segundo Santana eram “definidos por Bilac como seres “insuportáveis”, “imbecis que passeiam a sua imbecilidade velha pelas ruas”.

² A seleção das crônicas dar-se-á a partir da compilação: DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: crônicas**. São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006a, v.I. DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: crônicas**. São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006b, v. II. DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: ensaios**. São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006b.

Podemos observar que esses cidadãos denunciados por falta de “bons modos” nas crônicas de Bilac, eram das camadas mais baixas da sociedade carioca, considerando que os estratos médios e altos da sociedade mantinham uma relação distante com os centros urbanos e com as ruas antes das reformas urbanas de Pereira Passos.

Desse modo, a cidade passa a oferecer condições para uma sociabilidade urbana após as reformas urbanísticas e sociais da cidade do Rio de Janeiro, principalmente, com a inauguração da Avenida Central, em 1905, que vai ser ocupada por damas e cavalheiros vestidos de acordo com a moda parisiense do início do século XX.

Olavo Bilac, então, assumiria um papel de “porta-voz” da modernidade carioca. Pois, considerado como um dos maiores formadores de opinião pública à época e o mais lido, colocava em exibição nas suas crônicas um modelo de cidade que o Rio de Janeiro deveria seguir, além de expor os desejos de uma cidade moderna, na qual as elites pudessem ocupar os espaços públicos para o lazer e vivências sociais, que até então ficavam restritos ao lar e a ambientes privados.

Bilac será assim o representante dos anseios por reformas urbanas dessa elite, modo para que esta possa habitar a cidade de forma confortável e inquestionada. Nesse sentido, Bilac revelará em suas crônicas alguns valores que norteariam o modelo de cidade moderna a ser implantado, dentre esses, o desejo de fazer da cidade o lugar para os “comedidos e fidalgos *flirts*”, o espaço para as sociabilidades das elites, e no qual se ausentariam a petulância e o olhar desafiador dos populares.

Esses desejos, de modernização urbana e social, passam a ser executados nas reformas de Pereira Passos no início do século XX, que foi documentada, elogiada e, criticada nas crônicas bilacquianas, que eram publicadas em grandes jornais e revistas da época.

Olavo Bilac foi um desses intelectuais que, ao mesmo tempo em que defendia a modernização da cidade, apontava os pensamentos, as visões sobre os projetos políticos e as relações sociais daquele período, procurando convencer a opinião pública em prol do moderno e do civilizado, servindo como observador privilegiado do papel social dos sujeitos sociais, dentre eles, a mulher.

É interessante lembrar que, as crônicas de Olavo Bilac, no período de 1902-1906, estavam sendo publicadas no jornal *Gazeta Notícias* (substituindo Machado de Assis) e na luxuosa revista *Kosmos*.³

Vale ressaltar que a indústria do livro no país era quase inexistente, levando a produção literária brasileira ficar restrita nos periódicos. Desse modo, “as atividades do escritor e do jornalista se confundiam na mesma pessoa, via de regra; agora elas se separam, mas o escritor ainda é uma peça importante na imprensa, desempenha nela um papel, tem um lugar, do que lhe resulta proveito, como escritor.” (SODRÉ, 1964, p. 433).

Como já foi discutido no presente texto, a crônica está intimamente ligada com os fatos cotidianos da cidade, sendo capaz de revelar muito sobre a nossa identidade nacional, pois segundo o literato Antonio Candido⁴, a crônica é um “gênero menor”, porque possui uma linguagem que está mais perto de nós, e que:

por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, *ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia*. [...] Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. Isto acontece porque não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. (CANDIDO, 1992, p. 13-14) [*Grifo nosso!*].

Assim, a crônica por ser esse gênero literário que lida com as sensibilidades e com o cotidiano, utilizaremos os escritos do Bilac, como fontes históricas, para encontrar diversos apontamentos sobre o modo de vida das mulheres durante a Primeira República, na cidade do Rio de Janeiro.

Para o presente texto, pretendemos analisar uma crônica do Bilac publicada na revista *Kosmos*, em agosto de 1905. Nesta respectiva publicação, Bilac apresenta uma ideia de um correspondente para a criação de uma data de “Glorificação da Mulher” para reconhecer seu papel na sociedade, e comemorar por meio de uma:

“festa radiante, a que concorressem poetas, músicos, pintores, escultores. [...] Já celebrámos e glorificámos as árvores, que nos dão carinho, ar puro e benéfica sombra, - as flores que nos dão o seu

³ As edições da revista estão todas digitalizadas e disponíveis na Biblioteca Nacional digital Brasil.

⁴ CANDIDO, Antonio. et. al. A Crônica. In: _____. **A vida ao rés-do-chão**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

perfume, - os poetas que nos dão a sua alma inflamada e repartida em versos, - os grandes homens, que nos fazem sentir o orgulho de ter nascido no Brasil; - celebremos e glorifiquemos agora a Mulher, e honremol-a altamente, n'um festival grandioso em que haja ao mesmo tempo o esplendor e a suavidade das Panegyrias gregas, dos festivaes gynecolattras de Roma, das “côrtes de amor” da Idade Média, e das cerimoniaes christans da Assumpção.” (BILAC, Olavo. Revista *Kosmos*, Agosto/1905).

A data da “Festa da Mulher” coincidiria com as celebrações pela “Assumpção de Maria”, ou seja, dia em que a Igreja católica comemora a suprema gloria da Virgem-Mãe. Bilac ainda ressalta em sua crônica, que aos poucos os homens estavam perdendo,

“a tradição do respeito sagrado e da veneração sem limites que a Mulher merecia; o Homem, apesar da presunçosa superioridade moral e intelectual que falsamente attribúe a si mesmo, vae ficando cada vez mais grosseiro e brutal nas suas relações sociaes com a Mulher [...]. (BILAC, Olavo. Revista *Kosmos*, Agosto/1905).

Naquele momento de introjeção dos ideais de modernização, civilização e universalização dos valores burgueses na sociedade brasileira, o cotidiano das mulheres estava amparado no tripé de mãe-esposa-dona-de-casa, pois como nos indica Margareth Rago⁵, a mulher estava reservada o papel de santa, identificada com a imagem religiosa de Maria.

Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a mulher sensual, pecadora e principalmente prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem. (RAGO, 2014, p. 112).

Ao ler esta crônica de Olavo Bilac, podemos observar o quanto a representação simbólica da mulher em torno dos estereótipos de Virgem Maria estava presente naquela sociedade, que na qual somente os modos burgueses eram considerados civilizados, e por isso deveriam ser seguidos por toda sociedade. E segundo a historiadora Margareth Rago, havia no discurso burguês, além desse tipo de mulher mãe, santa e dessexualizada, as prostitutas que eram associadas a figura de Eva e Madalena, pois eram consideradas como desviantes e criminosas.

Assim, serão contrapostas o discurso burguês duas figuras femininas polarizadas mas complementares: a santa assexuada mas mãe, que deu

⁵ Ver em: RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 2014.

origem ao homem salvador da humanidade, que padece no paraíso do lar e esquece-se abnegadamente dos prazeres da vida mundana, e a pecadora diabólica, que atrai para as seduções infernais do submundo os jovens e os maridos insatisfeitos. A primeira, toda alma e sacrifício – símbolo do bem; a segunda, exclusivamente carnal e egoísta – encarnação do mal. Ambas, no entanto, submissas, dependentes, porcelanas do homem, incapazes de pensarem racionalmente e, conseqüentemente, de dirigirem suas próprias vidas. (RAGO, 2014, p. 112).

Portanto, para a sociedade carioca naquele momento, principalmente dos estratos médios e altos, estava reservado a mulher a missão de ser boa esposa e mãe. Considerando que enquanto o homem se ocupava dos locais públicos, à mulher deveria se dedicar ao espaço privado, o lar, e zelar por ele em prol do bem familiar. Sendo assim, é nítido que nesse momento de modernização da cidade era necessário a eliminação dos atrasos por meio da importação de costumes europeus, além de moralizar os hábitos das famílias, atingindo principalmente as mulheres – responsabilizando-as pelo encaminhamento do marido e da educação dos filhos – a começar pelo discurso de isolá-la no interior da vida doméstica⁶. Criando assim um imaginário de mulher que era “naturalmente” destinada a vida de esposa-mãe-dona-de-casa, sendo vista pela sociedade como uma boa e santa mulher, tais como pudemos observar na crônica de Olavo Bilac aqui discutida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel De. **Artes de Fazer. A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.

CANDIDO, Antonio. et. al. A Crônica. In: _____. **A vida ao rés-do-chão**. Campinas: Ed.Unicamp, 1992.

NUNES, Radamés Vieira. **Sobre Crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac –1900-1920**. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p. 31-45, set. 2003.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

⁶ Ver mais em: PRIORE, Mary Del. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 2014.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOHNET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo: Educ, 1997.

SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908).** Salvador, 2013.

SEVECENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920).** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

